

ESCRITA INICIAL: DADOS RELATIVOS ÀS GRAFIAS DE PALAVRAS QUE CONTÊM HIATOS

GRASSI, Luísa Hernandes¹
Universidade Federal de Pelotas

MIRANDA, Ana Ruth Moresco²
Universidade Federal de Pelotas

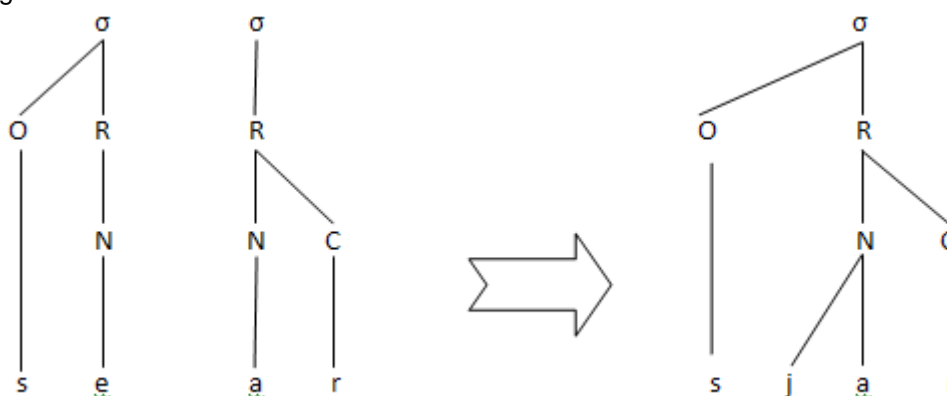
¹ (BIC FAPERGS)FaE/UFPel,luisagrassi@hotmail.com;²PPGE-FaE/UFPel,ramil@ufpel.tche.br

1 INTRODUÇÃO

Nas palavras da língua portuguesa as sequências vocálicas podem resultar em hiatos ou ditongos. Um hiato é resultado da silabação de vogais de uma sequência em sílabas separadas. Já um ditongo é definido como uma sequência de vogais pronunciadas em um só movimento articulatorio, em que ambos os segmentos pertencem à mesma sílaba, sendo um interpretado como vogal e o outro, como um glide. O glide é uma vogal auxiliar assilábica (/i/ ou /u/), pois não ocupa o núcleo de sílaba, espaço ocupado pela vogal silábica. Na língua portuguesa podemos ter ditongos decrescentes ou crescentes, dependendo de onde cair a proeminência acentual, se no primeiro ou no segundo segmento, como em 'lei' e 'quieto', por exemplo.

Bisol (2005) mostra que há evidências na língua para que se considere os ditongos crescentes como derivados de hiatos, já que a língua prefere ditongos a hiatos, os quais alternam, na maioria das vezes, com os ditongos, como se observa nas palavras 'teatro', 'toalha' e 'história', por exemplo. Na figura 1, apresentada a seguir, está ilustrado o processo responsável pela transformação de um hiato em um ditongo crescente na palavra 'passear':

Figura 1



Conforme é possível observar na representação expressa pela Figura 1, após o alçamento da vogal, ocorre um processo de ressilabação, cujo resultado é um ditongo crescente, [pa.se.'ar] → [pa.'sjar].

Neste estudo, pretendemos analisar o que demonstram os dados de crianças em fase de aquisição da escrita referentes às grafias de palavras contendo hiatos e quais as estratégias utilizadas para que este hiato, comumente preterido pela língua em se comparando a um ditongo, seja evitado.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para este trabalho foram analisados aproximadamente 2020 textos, que fazem parte do Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE/UFPel). Os textos foram produzidos de maneira espontânea por crianças que tinham entre seis e doze anos de idade e cursavam uma das quatro primeiras séries do ensino fundamental de duas escolas de Pelotas, uma pública e a outra particular, durante os anos de 2001 a 2004.

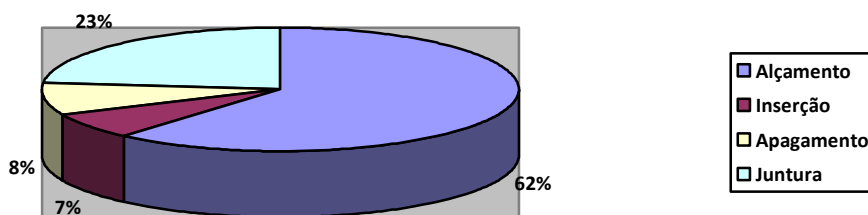
Desses textos foram extraídas todas as grafias de palavras que continham hiatos que, no entanto, desfizeram-se em razão de alçamento, inserção ou apagamento de vogal. Além desses casos, foram analisados também dados de hipossegmentação em que se observa o contexto de sequência vocálica. A escolha por esses itens lexicais, que contêm hiatos, se deve ao fato de o contexto que eles apresentam, sequência de vogais não-altas, ser propício ao surgimento de grafias não-convencionais; e também porque o estudo de Grassi e Miranda (2009) mostrou que os hiatos são, muitas vezes, desfeitos no momento que o aprendiz da língua escrita grafa palavras que os contêm.

Analisamos ainda, neste estudo, uma amostra constituída de grafias relativas a seis palavras que apresentam sequências vocálicas compostas por vogais não-altas: 'joelho', 'coador', 'coelho', 'veado', 'teatro' e 'leoa'. Os dados foram obtidos em coletas realizadas no primeiro semestre de 2009 com as quatro primeiras séries do ensino fundamental da mesma escola pública de onde foram obtidas as produções do Banco de Textos. A coleta foi realizada por meio da aplicação de um ditado de imagens criado especificamente para a coleta de grafias com o contexto focalizado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Começamos a seção apresentando, no Gráfico a seguir, o resultado da computação das grafias em que se observou o uso de estratégias de evitação do hiato para a grafia das palavras em que há a sequência de vogais não-altas.

Figura 2



Os 278 dados de grafias em que as crianças lançam mão de estratégias para evitar o hiato estão distribuídos conforme o gráfico. As grafias analisadas revelam que, de modo geral, as crianças tendem a alçar a vogal na sua escrita, possivelmente motivadas por um processo relacionado à oralidade. Tanto nos dados da primeira amostra, em que as crianças alçam a vogal de palavras como 'voando' para 'vuando' e 'doente' para 'duente', como nos da segunda, em que a criança transforma, por exemplo, o hiato /oe/ de 'joelho' na sequência 'ue' e /ea/ de 'veado' em 'ia', observamos o uso do mesmo tipo de estratégia. Observando o gráfico podemos perceber que o alçamento da vogal é o recurso mais utilizado pelas crianças para evitar o hiato das palavras.

A análise dos casos de hipossegmentação, isto é, grafias em que a criança não preserva os espaços em branco entre palavras, revelam dados como os que estão apresentados em (1):

- (1)
- (a) 'cincontraram' para 'se encontraram'
 - (b) 'ciesconder' para 'se esconder'

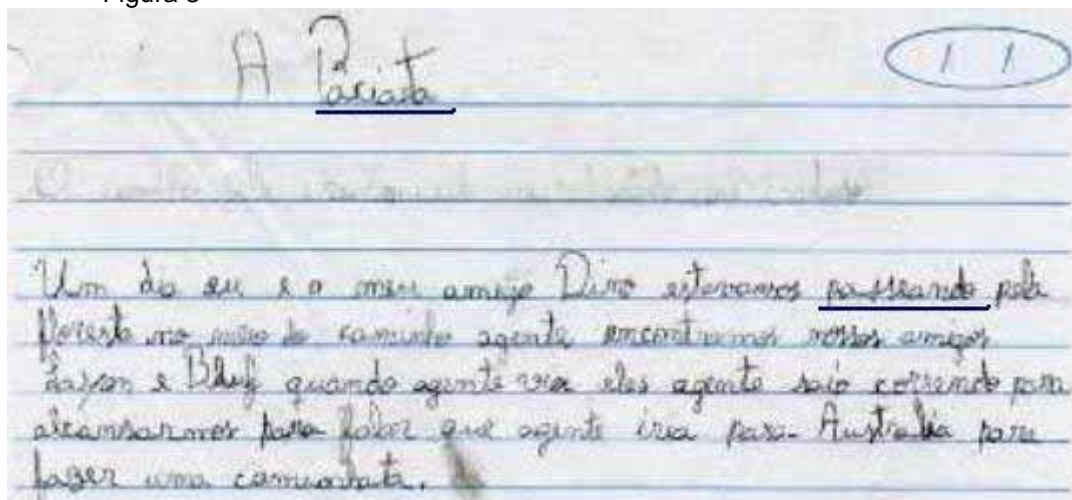
Nos dados de hipossegmentação em que foram encontrados contextos para sequências vocálicas gráficas que corresponderiam a hiatos foram observados dois tipos de fenômeno: a degeminação (1a) e a ditongação (1b). De acordo com Bisol (2005), quando há juntura no português, ocorre a ressilabação vocálica e três fenômenos distintos podem ser observados: a elisão (camisa usada > cami [zu] sada), a ditongação (camisa usada > cami [zaw] sada) e a degeminação (camisa amarela > cami [za] marela). Nos dados de escrita que analisamos não foram encontrados casos de elisão.

Em (1a), temos um exemplo de grafia em que, além do alçamento de /e/, há a degeminação, isto é, a fusão de elementos idênticos; em (1b), um exemplo de alçamento da vogal do clítico 'se' que se une à palavra "encontraram", o que resulta em uma hipossegmentação na qual se observa um ditongo crescente. Notamos ainda que, nos casos de juntura, a vogal que mais sofre alçamento é a vogal média "e" que passa para "i", em se comparando à vogal "o" passando para "u". Encontramos 57 casos de juntura envolvendo a vogal "e" e apenas 5 casos envolvendo a vogal "o".

Observamos também que as estratégias de inserção e apagamento, como por exemplo, 'lagoua' para 'lagoa' ou 'leoua' para 'leoa' e 'pesso' para 'pessoa' ou 'mei' para 'meio', ocorrem em semelhante distribuição e são utilizadas também para desfazer a sequência de vogais não-altas, a qual, como já referimos, não é natural para a língua. No caso da palavra 'leoa', a criança insere uma vogal para desfazer uma sequência de três vogais não-altas e dois hiatos 'le.o.a'. Já no caso dos apagamentos, poderíamos pensar que se tratam de esquecimento de uma letra, por parte da criança, ao grafar a palavra. Entretanto, dados como esses apareceram 23 vezes na amostra estudada, o que parece ser indício de que, talvez, não se trate de um mero esquecimento, mas, sim, de uma diferente estratégia para, novamente, desfazer o hiato da palavra e, em alguns casos, evitar uma sequência de três vogais.

A seguir, apresentamos um fragmento de um texto de um aluno da 2ª série para ilustrar o que estamos discutindo e mostrar as oscilações que podem ser observadas nas grafais das crianças:

Figura 3



No texto, temos um exemplo de oscilação na grafia de palavras relacionadas, em que se observa uma grafia com alçamento da vogal para desfazer o hiato da palavra “passeata” na grafia “paciata”, e uma grafia com a escrita correta da palavra “passeando”, em que a criança manteve o hiato da palavra. Neste caso temos um contexto silábico que possivelmente influi na grafia correta: a presença de uma coda na sílaba ‘an’ de ‘passeando’. Dados deste tipo podem nos mostrar a dúvida da criança ao se deparar com palavras que contêm hiatos, o que é comum para quem está em processo de aquisição da escrita e ainda lança mão de referências de oralidade para fazer suas escolhas gráficas.

4 CONCLUSÕES

Após a análise dos dados deste estudo, verificamos que uma tendência observada na oralidade dos falantes do português brasileiro se manifesta também em dados de escrita inicial, pois as crianças, ao grafarem as palavras por nós analisadas, tendem, preferencialmente, a registrá-las com vogal alta, tanto nos dados da primeira quanto da segunda amostra. Isso pode evidenciar que, de modo geral, as crianças em fase de aquisição da língua escrita, apresentam comportamentos similares e buscam solucionar suas dúvidas também de modo análogo. Dessa forma, reforçamos a ideia de que a criança, durante a aquisição da escrita, busca subsídios em algum conhecimento de natureza semelhante para solucionar os problemas que vão surgindo ao longo do processo, nesse caso, na língua oral.

5 REFERÊNCIAS

- BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e lingüística*. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 2007.
- GRASSI, Luísa Hernandez; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. *Que estratégias utilizam crianças das séries iniciais para a evitação do hiato?*. In: XVIII Congresso de Iniciação Científica (UFPEl). Pelotas, novembro de 2009. XVIII CIC XI ENPOS I Mostra Científica.
- LEMLE, Miriam. *Guia teórico do alfabetizador*. 17ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- MIRANDA, Ana Ruth. A aquisição ortográfica das vogais do português – relações com a fonologia e a morfologia. *Revista Letras* (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM), nº 36, janeiro/junho de 2008.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português: Roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7ª Ed. São Paulo: Contexto, 2003.